

Discurso ministrada Saúde, Nísia Trindade, na abertura da 17ª Conferência Nacional de Saúde
02/07/2023

Companheiros delegadas e delegados dessa grande 17ª Conferência Nacional de Saúde, boa noite! É muita emoção estar aqui. Eu queria agradecer a cada uma, cada um que contribuiu para que estivéssemos aqui hoje, com a força que estamos, com a esperança, com alegria também, porque o amanhã já chegou.

Estamos assim com essa força porque o povo brasileiro elegeu o presidente Lula. E ele estará aqui conosco na quarta-feira. Eu fico muito emocionada de ser saudada com a música que marcou para sempre o amor do povo brasileiro pelo presidente Lula. Agradeço muito, muito obrigada a cada um, a cada um de vocês.

Eu me sinto apenas como uma representante dessa força coletiva do SUS. Essa força coletiva de defesa da democracia que une o nosso Conselho Nacional de Saúde, que resistiu durante os anos mais difíceis da nossa história recente, depois da Constituição de 88 que garantiu a democracia. Também sou companheira dessas ministras e ministros maravilhosos, aqui representados pela ministra Cida, pela ministra Marina, pela ministra Sônia e pelo ministro Luiz Marinho.

Também não podemos esquecer que estamos aqui hoje pela luta de muitos que ao longo da história da democracia, depois da Constituição de 88 e mesmo antes, levantaram a bandeira da igualdade, então eu quero também prestar minha homenagem aos ex-ministros da Saúde aqui presente, o ex-ministro Humberto Costa hoje senador. O ex-ministro Arthur Chioro, hoje presidente da Ebserh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares), está fazendo, junto com o ministro Camilo Santana e tantos companheiros, a luta pela educação para o SUS.

Quero também falar dessa música, Amanhã Será Outro Dia, que marcou a minha juventude e eu quero aqui lembrar também de 88 e da luta pela democracia. Foi a luta pelo direito à saúde de uma maneira muito intensa e em nome de todos que construíram esse caminho. Eu quero fazer uma saudação especial ao relator da 8ª Conferência Nacional de Saúde, querido amigo Arlindo Gomes e Souza. Que bom ter você aqui. Que bom que estamos aqui hoje. Como todos já disseram, vislumbrando o futuro e lutando no presente para garantir a democracia, não podemos ter ilusões. Temos um caminho duro pela frente. O 8 de janeiro foi muito bem respondido pela nossa sociedade, foi muito bem respondido sob a liderança do presidente Lula, mas temos que estar mais unidos do que nunca na nossa diversidade.

Nós, mulheres, e toda a população LGBTQIA+ que me saudou. A saúde indígena, os indígenas, todas as lideranças indígenas aqui presentes, as pessoas com deficiência que nós temos que ter não só o respeito, mas temos que avançar muito nessa agenda. Precisamos efetivar a política de saúde da população negra, a questão dos jovens na nossa sociedade, que é uma grande preocupação do nosso governo.

Mas o importante é nós pensarmos, somos diversos, mas estamos unidos na luta pelo SUS, na luta pela democracia, viva a democracia e a nossa unidade. Quero também agradecer a todos que apoiaram a nossa 17ª Conferência. Quero mencionar o Conselho Nacional de Saúde que de fato constrói junto e estará coordenando todo esse trabalho nesses dias intensos, ricos, que serão de grande ensinamento para nós. Não queremos uma Conferência apenas como ato, que é muito importante. Queremos uma Conferência com um documento forte que o Ministério da Saúde vai implementar porque esse é o nosso compromisso.

Eu quero agradecer em nome do Fernando Pigatto, de todos os companheiros e companheiras do Conselho Nacional de Saúde, a cada conselho estadual e municipal, a todos, enfim, que constroem esse trabalho.

Mencionando de uma maneira muito especial também a presença dos nossos Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems). Temos que ter a união da gestão com o cidadão, de cidadãos usuários. Temos que trabalhar também na linha da diversidade para olhar as desigualdades desse Brasil tão imenso. Esse é o nosso compromisso. Desigualdade faz mal à saúde. Por isso, esse tem que ser um compromisso central do nosso governo e será uma ação fundamental no Ministério da Saúde. Não há saúde quando há fome, não há saúde quando não há acesso à educação, à cultura, não há saúde quando o meio ambiente é ameaçado, não há saúde quando as mulheres, as crianças, os idosos sofrem violência. Então, por isso nós estamos aqui. Por isso nós estamos aqui e por isso vamos lutar no governo e na sociedade.

Essa luta não pode ser só de governo, tem que ser uma luta de fato dessa construção coletiva entre governo e sociedade, e quero também dizer que não podemos olhar só o Brasil. Por isso temos aqui conosco uma presença especial do nosso companheiro Jarbas Barbosa, que já foi secretário do Ministério da Saúde, já teve tantas posições, mas hoje está na linha de frente na direção geral da Organização Pan-Americana de Saúde. O Brasil só avançará se também avançarmos junto com a região das Américas. Se colocarmos a nossa voz em defesa da igualdade efetiva entre as nações, como fez o presidente Lula no discurso em Paris. É essa força que nós precisamos e precisamos, portanto, sem abrir mão das nossas diferenças, fortalecer a nossa unidade.

Eu venho da Bahia, com muita alegria, não pude participar do grande cortejo hoje, mas participei de um evento lindo na Academia de Ciências da Bahia e depois de um evento lindo de homenagem democrática, popular, neste 2 de julho. E hoje nós, por coincidência, realizamos essa 17ª Conferência Nacional de Saúde neste dia 2 de julho. E lá em Salvador eu pude cantar por duas vezes, além do hino nacional, o hino da Bahia. E agora vou pedir a contribuição de vocês. Vamos mencionar todos juntos esse trecho: "com tiranos não combinam brasileiros, brasileiros corações". Viva a democracia! Viva o SUS!

Na Bahia também vi uma apresentação linda no Palácio da Aclamação, ao lado do governador Jerônimo Rodrigues, da primeira-dama Tatiana e de muita gente. Vou citar Jaqueline, a cientista negra, uma presença tão marcante na pandemia de Covid-19 que estava muito emocionada com sua mãe. As nossas histórias falam de gerações que sofrem com a desigualdade, com a discriminação e nós temos que reforçar essa luta. Em nome da Jaqueline eu quero cumprimentar todas e todos que lutaram bravamente no combate à Covid-19.

Também ouvi ali os versos de Castro Alves, quando ele dizia:

"Era o porvir - em frente do passado.
A Liberdade - em frente à escravidão.
Era a luta das águias - e do abutre.
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!"

É nesse duelo que temos que fazer a democracia vitoriosa a cada dia e vamos vencer.

Não poderia deixar de mencionar o triste momento da pandemia de Covid-19. Nós saímos de uma emergência sanitária, mas continuamos a lidar com o vírus, com vários outros problemas de saúde. Isso requer a força do SUS e do papel do Ministério da Saúde, que não ocorreu no último governo para coordenar as ações. Coordenar com cada localidade, coordenar junto com as trabalhadoras e trabalhadores do SUS. Nós tivemos mais de 700 mil pessoas que nos deixaram. Cerca de 200 mil poderiam ter a morte evitada com outra atitude do Governo Federal. Aquilo que nós pudemos fazer, pudemos fazer graças ao SUS e graças, sobretudo, ao trabalho de tantas trabalhadoras e trabalhadores numa luta incansável.

Esses tempos também nos deixaram marcas. O aumento de problemas de saúde mental. Aumento das filas de cirurgia, que já se somaram a várias questões, portanto, nesse momento, é fundamental um programa de redução de filas. Preparação para as emergências sanitárias, precisamos aprender com as experiências passadas.

É também necessário é que, além dos programas que nós reconstruímos nestes 6 meses, é um fato histórico nós termos conseguido realizar essa 17ª Conferência. Aperfeiçoamos tantos programas, como o Bolsa Família e o Mais Médicos. O Brasil Sorridente, o Programa Nacional de Imunizações - outro patrimônio da sociedade brasileira. É por isso que estamos aqui sempre com o Zé Gotinha para lembrar as pessoas que devem ser vacinadas.

Também temos que garantir a nossa autonomia em medicamentos, vacinas e em equipamentos básicos, como foram os respiradores. A pandemia mostrou o quanto somos dependentes de importação desses suprimentos. Temos que fortalecer a ciência e tecnologia e o nosso Complexo Econômico Industrial da Saúde. Não vou enumerar aqui todas as ações, não caberia nesse momento. O que eu quero dizer é que em 6 meses da gestão do governo do presidente Lula, em que não estou sozinha porque a saúde ela não existe sem outras políticas sociais e também não existe se não recuperarmos a economia do nosso país e não caminharmos para uma reforma tributária justa, se não caminharmos para um desenvolvimento efetivamente sustentável do nosso país.

Então, nesses 6 meses eu posso dizer que a saúde está de volta. Um projeto coletivo na luta contra as desigualdades e pela conquista do bem viver. É isso que nós queremos que esteja de volta. São vocês, somos nós que estamos de volta. Está de volta a ciência como base para políticas públicas. Após esses tempos de negacionismo que ainda não foram superados, está de volta o diálogo e a reconstrução federativa. O caminho solidário no nosso Conselho Nacional de Saúde. Ainda que possamos ter divergências, mas está de volta à construção coletiva, é isso que dá força à democracia. É ver várias reivindicações, várias manifestações que tenho acompanhado.

Não vou falar de todas as reivindicações, porque isso cada uma de vocês fará muito melhor durante esses dias de Conferência. Mas o Ministério da Saúde está de portas abertas para dialogar com todos os setores que constituem a nossa saúde coletiva.

A participação social voltou e a retomada da participação popular já em si traz importantes frutos, o exemplo da saúde inspirou o presidente Lula a criar na Secretaria Geral uma Coordenação da Participação Social. Isso

é algo importantíssimo e eu já pedi logo para ele uma representação de três pessoas para a saúde e que ele concedeu exatamente porque todos veem a história que tem o SUS. Eu acredito na força dos movimentos sociais. Isso faz parte da minha história. E quero aqui dizer a vocês que nós estamos organizando, numa parceria entre o Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), um mapa colaborativo dos movimentos sociais em saúde para que se possa construir uma plataforma coletiva de iniciativas práticas e saberes que alimentem a nossa sociedade. Não é mais possível pensar em um governo isolado da sociedade civil. Destaco aqui as construções feitas durante os governos do presidente Lula e da presidenta Dilma Rousseff.

Há muito o que fazer para recuperarmos os sonhos. Temos nessa Conferência a possibilidade de avançarmos. Tendo a inspiração da Constituição de 88, mas olhando também os novos ventos, os novos desafios, as transformações sociais que se impõem numa sociedade que teremos. O maior número de idosos da nossa história. Uma sociedade que precisa garantir a equidade no acesso à saúde, que vai precisar lidar com as mudanças climáticas de uma forma efetiva, como já está na agenda do governo do presidente Lula. E como já bem colocado aqui pela ministra Marina, uma sociedade que não pode mais conviver com problemas históricos, como é o caso da violência de gênero, não mais poderemos conviver com isso se quisermos ser uma sociedade imensamente democrática. E nós não podemos conviver com uma sociedade que, tendo avançado em tantas áreas, possa ficar omissa diante do genocídio dos povos indígenas. E tão pouco ficar omissa diante dos jovens negros que morrem nas nossas periferias. Temos que estar unidos para garantir que o Brasil de fato seja um país democrático.

É tempo também de avançarmos para superar o histórico subfinanciamento do SUS, conforme determina o programa do governo do presidente Lula e do vice-presidente Alckmin eleito pela nossa população. Não podemos esquecer que nesse subfinanciamento histórico, a PEC 95 levou a uma perda de 70 bilhões do orçamento do Ministério da Saúde nos últimos anos. Teríamos uma perda ainda maior se não fosse aprovada a chamada PEC da Transição. Então, agradeço a todos os companheiros do Congresso Nacional e ao presidente Lula que liderou esse movimento. Sem eles nenhum programa teria sido possível e seria muito difícil realizarmos a nossa 17ª Conferência com essa força.

A grande agenda de mudanças na saúde requer uma mudança em toda a nossa política pública. Requer uma mudança de visão, requer um olhar do cuidado, requer o olhar do compromisso democrático e social. É urgente avançar no enfrentamento de problemas que vêm desde o século XIX, como é o fato de nós termos ainda doenças transmissíveis, como a hanseníase, entre nós. O Brasil convive também com os problemas do século XX não superados. E com as grandes questões do século XXI, não podemos achar isso normal.

Não podemos achar normal nós termos uma mortalidade materna de 100 mulheres a cada 100 mil nascidos vivos. Isso tem que ser uma agenda prioritária para o Ministério da Saúde e toda a sociedade. Uma sociedade com um histórico tão grande de desrespeito, de escravidão, de desvalorização, de abandono, o abandono das políticas públicas.

Trabalharemos pela universalidade e pela integralidade do Sistema Único de Saúde, fortalecendo a Atenção Primária, Atenção Especializada. Todos esses temas passam necessariamente pelo fortalecimento da democracia. Estou certa que, neste terceiro governo do presidente Lula, ele está preparado para contribuir para promover a paz, o desenvolvimento sustentável, o combate às desigualdades entre as nações e precisaremos estar atentos e fortes para combater as desigualdades dentro do nosso país.

Estou certa que os próximos dias serão de muito debate, muita inspiração e também muita festa, porque a alegria nos inspira quando estamos unidos em defesa do SUS, em defesa de cada uma das pautas aqui trazidas. Em defesa de uma sociedade mais justa e solidária, viva o SUS, viva a democracia. Viva a 17ª Conferência Nacional de Saúde, o amanhã chegou!

Obrigada!